

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA SUBJETIVIDADE

Autores: Juliana dos Santos Rocha¹; Marlene Rozek

RESUMO: O presente texto se propõe a refletir acerca da formação docente na perspectiva da subjetividade. Pretende, pois, a partir de um ensaio teórico, pensar e discutir a formação docente partindo da constituição do ensinante como sujeito aprendente. Entende-se que o docente começa a constituir-se subjetivamente como tal desde suas mais primitivas aprendizagens, logo, pensar formação docente requer uma ação voltada, também, para os processos de aprendizagem de quem ensina, compreendendo o aprender como um processo humano que não está restrito ao processo de escolarização. Ainda, compreende-se que a subjetividade docente se constitui também no fazer docente, a partir de questões individuais e sociais da experiência do sujeito, tanto àquelas vivenciadas em sala de aula, como também fora dela. Como base teórica, busca-se compreender os processos de aprender e ensinar e a circulação do sujeito nestes papéis simbólicos a partir dos pressupostos da psicopedagogia; no que se refere à concepção de aprendizagem entende-se que o aprender é um processo humano que acontece durante toda a vida, uma compreensão que parte da filosofia, mais especificamente da Escola de Budapeste; quanto à constituição subjetiva, apoia-se na Teoria da Subjetividade de González Rey, que parte dos pressupostos da Escola de Vygostky. Contudo, ressalta-se a complexidade da formação docente, que precisa ser pensada em diferentes aspectos, de modo a contemplar também a constituição subjetiva, individual e social, do profissional para além das questões didáticas e metodológicas que acabam sendo prioridade nas propostas de formação inicial e continuada desses sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Ensino e Aprendizagem. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

Pensar sobre a formação docente é um exercício sobre o qual tem se ocupado um importante número de estudiosos e pesquisadores das áreas da Educação, Ensino e afins. Cada qual com suas perspectivas teóricas, buscam maneiras para enfrentar os problemas que surgem na prática cotidiana dos professores em todo o país, considerando que muitas destas questões advém de fragilidades na formação inicial ou continuada do professorado, desde à educação básica até a pós-graduação, passando pelos cursos de extensão, pesquisas, grupos de estudos, entre outros.

Deste modo, o presente texto se propõe a refletir acerca da formação docente na perspectiva da subjetividade, pois, considera-se que o processo formativo do professorado precisa abarcar a formação humana do docente. Ou seja, não são apenas questões técnicas ou mesmo metodológicas que sustentam o fazer do docente, mas, a constituição subjetiva desses sujeitos precisa ser considerada como um dos principais pilares, desde a formação inicial até a formação continuada.

Nesse sentido, pretende-se, pois, a partir de um ensaio teórico, pensar e discutir a formação docente partindo da constituição do ensinante como sujeito aprendente. Entende-se que o docente começa a

¹ Juliana.rocha.001@acad.pucrs.br.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

constituir-se subjetivamente como tal desde suas mais primitivas aprendizagens, logo, pensar formação docente requer uma ação voltada, também, para os processos de aprendizagem de quem ensina, compreendendo o aprender como um processo humano que não está restrito ao processo de escolarização. Ainda, compreende-se que a subjetividade docente se constitui também no fazer docente, a partir de questões individuais e sociais da experiência do sujeito, tanto àquelas vivenciadas em sala de aula, como também fora dela.

Como base teórica, busca-se compreender os processos de aprender e ensinar e a circulação do sujeito nestes papéis simbólicos a partir dos pressupostos da psicopedagogia; no que se refere à concepção de aprendizagem entende-se que o aprender é um processo humano que acontece durante toda a vida, uma compreensão que parte da filosofia, mais especificamente da Escola de Budapeste; quanto à constituição subjetiva, apoia-se na Teoria da Subjetividade de González Rey, que parte dos pressupostos da Escola de Vygostky, pensando as configurações subjetivas como sistemas abertos que se constituem dialeticamente entre dois espaços da subjetividade: o individual e o social.

Assim, o texto está organizado de modo que no primeiro subtítulo “O aprender como processo humano: a constituição do ensinante”, propõe uma reflexão acerca de como o ser que ensina se constitui a partir de suas mais tenras aprendizagens, em um processo contínuo e de inacabamento, pois, se inicia com seus ensinantes e tem continuidade com seus aprendentes. Posteriormente, o subtítulo “A construção do ‘sujeito’ docente” está dedicado a pensar a constituição subjetiva do docente em uma perspectiva individual e social, de uma forma dialética. Um reflexão final ressalta a complexidade da formação docente, que precisa ser pensada em diferentes aspectos, de modo a contemplar também a constituição subjetiva, individual e social, do profissional para além das questões didáticas e metodológicas que acabam sendo prioridade nas propostas de formação inicial e continuada desses sujeitos.

O APRENDER COMO UM PROCESSO HUMANO: A CONSTITUIÇÃO DO ENSINANTE

Desde o nascimento o ser humano aprende. Aprender não é um privilégio de quem frequenta a escola ou a universidade, tampouco é privilégio de uns poucos seres humanos dotados de maior “inteligência”. Como seres humanos aprendemos para sobreviver neste mundo, portanto, aprender é um processo humano. Logo, todos aprendem! É a partir da aprendizagem que o bebê vai encontrando formas de se comunicar com a mãe, ou quem exerce a função materna, e depois com os outros que vão passar a fazer parte do seu mundo; a partir da aprendizagem o bebê humano vai encontrando estratégias para comunicar suas vontades, suas angústias, seus prazeres. Esses processos de aprendizagem acontecem concomitantemente com os processos de ensino, pois, tanto bebê como adulto, ora ensinam, ora aprendem. Essas aprendizagens iniciais vão

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

progredindo e tornando-se cada vez mais complexas, de modo que é, também, a partir do aprender que o ser humano adquire habilidades para sobreviver, trabalhar e até transformar o mundo em que foi inserido.

Em uma perspectiva filosófica o homem se torna homem a partir de um processo contínuo de inserção e relação em um mundo e com pessoas, costumes, linguagem, cultura, história. Trata-se da esfera privada, um núcleo familiar com suas peculiaridades, e da esfera pública, uma sociedade maior, regida por leis mais objetivas: pela ação e pela política (ARENDDT, 2014); assim, no processo de tornar-se homem, de inserir-se nesse processo histórico de reprodução e transformação, aprende-se constantemente. É, então, desde esses processos mais elementares da vida humana que vão se forjando os aprendentes e os ensinantes².

De acordo com Paín (1996),

o sujeito é não sujeito até que conheça. É sujeito porque conhece, e é sujeito a esse conhecimento. Um indivíduo recém-nascido, deixado por sua própria conta, não se tornaria um ser humano. Através do conhecimento ele se constitui como ser humano e vai poder se definir como sujeito, como aquele lugar não repetível que cada um considera seu destino. (p. 15)

Deste modo, conforme vão se estabelecendo as relações vinculares do bebê, conforme ele vai tendo experiências de aprendizagens, desde a mais tenra idade, vão se construindo moldes, formas de se relacionar com o aprender e com quem ensina. Quiroga (1996), chama esses moldes de matrizes de aprendizagem; não se trata de moldes fixos, mas de estilos de pensar, de agir, de se relacionar, que vão se constituindo com o tempo e que podem se modificar de acordo com as possibilidades de ação-reflexão e conscientização dos sujeitos. Ainda, é possível pontuar que as experiências positivas e negativas em relação à aprendizagem passam a fazer parte das novas aprendizagens do sujeito e podem contribuir para que estas experiências sejam mais ou menos positivas, subjetivamente.

É importante salientar ainda que o desejo cumpre um papel fundamental na constituição do sujeito aprendente. Esse desejo não é algo real, mas surge de um espaço simbólico que se abre a partir da triangulação entre o bebê, a mãe e o pai – ou aquelas pessoas que cumprem estes papéis. O olhar da mãe é o que convoca o bebê e dá significado ao mundo, quando a mãe olha para o pai, o bebê pode vê-lo e ele passa

² O termo *aprendente*, assim como *ensinante*, tem o valor de conceito para a Psicopedagogia, segundo Fernández (2001). Não é o mesmo que utilizar os termos aluno e professor, que se referem a lugares objetivos em uma relação pedagógica, mas diz respeito a um sujeito que aprende, aprendizagem humana. O sujeito aprendente é composto por quatro instâncias: organismo, corpo, inteligência e desejo. O organismo se refere à estrutura biológica, a “infraestrutura neurofisiológica” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 62) do sujeito; o corpo, facilmente entendido como o mesmo que o organismo, é “o lugar do eu, do ego corporal” (PAÍN, 1996, p. 75); o corpo é construído a partir do simbólico, do olhar do outro, das possibilidades ou impossibilidades subjetivas, conscientes e inconscientes atribuídas ao organismo. A inteligência refere-se à estrutura lógica do sujeito, que se dá a partir de ação, exploração e interações sobre os objetos e promove a construção de estruturas de pensamento cada vez mais complexas, permitindo uma organização do mundo com variáveis cada vez mais complicadas e ricas. O desejo, por sua vez, refere-se às questões simbólicas da constituição psíquica do sujeito e tende à individualidade, à subjetividade, ao que é de cada sujeito singularmente (FERNÁNDEZ, 1991).

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

a ser incluído nessa relação; para fazer tal movimento a mãe precisa deixar de olhar por um momento para o bebê, abrindo espaço para a falta, que não é a falta de algo real e, portanto, não pode ser suprida por algo real. É justamente o que faz com que o sujeito continue desejando. Esse desejo, essa pulsão, impulsiona inconscientemente o sujeito para que siga sua vida buscando respostas, perseguindo objetivos, aprendendo (OLIVÉ, 1991). Deste modo, os primeiros ensinantes são fundamentais para a construção do aprendente, logo, do ensinante.

Posteriormente, a escola e os primeiros professores também tem uma importância significativa. Sejam boas ou más, todas as pessoas tem marcas dos primeiros professores da escola. Quase todo mundo tem relatos significativos sobre os primeiros anos na escola. As aprendizagens escolares, em virtude da escola ser o espaço socialmente aceito como "o" lugar de aprender, tem relevância para a construção do ensinante. O aprendente já traz para o ambiente escolar formas de se relacionar com quem ensina e com a aprendizagem construídos nos primeiros anos de vida, necessitando adaptar-se ao domínio público do aprender, que exige tempos e formas padronizadas, muitas vezes, distintas do domínio da família. A construção do espaço escolar objetiva e subjetivamente, a importância dos sujeitos da escola, as formas de fazer educação que o sujeito vivencia enquanto aluno, são fundamentais para a constituição do ensinante. Muitas vezes, diante da insegurança ou do não saber, enquanto docente, a tendência é reproduzir as formas de ensinar às quais foi submetido enquanto aprendente. São elas as experiências reais do sujeito no que se refere à educação e podem servir para que o sujeito reproduza ou busque fazer diferente, o que depende muito da possibilidade de refletir ou não sobre tais processos, das crenças construídas ao longo da vida do docente, da formação teórico-prática a qual teve oportunidade de submeter-se.

Apesar das diferenças, é na relação com os primeiros ensinantes, na família e na escola, que o aprendente vai compreendendo a diferença entre ensinar e aprender e como ou quando ocupa esses lugares. Ensinante e aprendente não são pessoas diferentes, são lugares simbólicos distintos, ocupados pelas mesmas pessoas, que ora ensina e ora aprende. Portanto, um sujeito se torna aprendente e, concomitantemente, se torna ensinante. Não é possível descolar esses dois papéis, logo, quando um sujeito ocupa o papel de ensinante, esse ensinante tem total relação com o aprendente que ele é, com suas histórias de aprendizagem, com suas experiências de vida, com àqueles que foram seus ensinantes.

É importante que enquanto aprendente se tenha a oportunidade de ensinar, contar aos outros aquilo que se tem aprendido, narrar sua história, falar sobre seus saberes. São essas possibilidades, esses momentos de protagonismo, de ensinar aos pares e a quem lhe ensina, que vão forjando no aprendente o ensinante. Como docente, refletir acerca desses momentos, ou sobre a impossibilidade deles, enquanto se constituía como aprendente e ensinante é imprescindível, tanto para perceber-se como tal, como para oportunizar aos seus educandos esses momentos.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

De acordo com Fernández (2001), um ideal de ensinante é aquele que pode “mostrar”, apresentar o seu conhecimento, depois “guarda-lo”, para que o aprendente o transforme e torne-o *seu* conhecimento, podendo também “apresenta-lo”. A autora afirma que há aqueles que se constituem como ensinantes de modo que somente o seu conhecimento importa, não permitindo que o aprendente ocupe esse papel simbólico de quem ensina, portanto, não há circulação nesses papéis, dificultado uma aprendizagem mais significativa. Acontece que, muitas vezes, esse docente/ensinante, não teve a oportunidade de experimentar ensinar enquanto aprendia.

Deste modo, trabalhar a formação docente requer poder proporcionar ao professor uma reflexão profunda sobre seus próprios processos de aprendizagem; sobre quem foram e como foram seus professores; sobre as marcas que ficaram no aprendente; sobre sua prática, mas, também sobre os processos de identificação com seus professores e sobre as matrizes de aprendizagem ou mesmo modalidades de aprendizagem³ construídas ao longo do caminho, que acabam por forjar, também, modalidades de ensino. É por isso que a formação docente precisa ultrapassar as questões didáticas e metodológicas; ao (re)conhecer-se como ensinante, ao pensar sobre seus processos de aprendizagem e sua constituição como ensinante, o docente, possivelmente, terá maiores condições de buscar a melhor forma e os meios de ensinar.

A CONSTRUÇÃO DO “SUJEITO” DOCENTE

O subcapítulo anterior versa sobre como desde as primeiras aprendizagens o docente vem se constituindo como tal, sobre como as mais tenras experiências como aprendente contribuem para a constituição do ser que ensina. Entretanto, entende-se que, apesar disso, as vivências iniciais não determinam o sujeito, pois, a subjetividade trata-se de um sistema aberto e dialético, ou seja, a construção subjetiva de um sujeito, ou a própria construção do sujeito, se dá durante toda a sua vida e a partir de questões individuais e sociais, a partir da sua história e da história da humanidade, na qual está inserido. Nesse sentido, entende-se que o professor constitui-se, também, a partir de sua experiência docente, da relação que estabelece com seus educandos e colegas, dos êxitos e dos fracassos enquanto ensinante e aprendente.

Para tal compreensão da subjetividade e do sujeito, utiliza-se a perspectiva da Escola de Vygostky e, mais especificamente, a de González Rey (2003; 2004; 2007; 2012; 2012a:), que busca compreender o sujeito como um todo integrado, no qual não se dissocia social e individual, objetivo e subjetivo, mas, estas

³ A modalidade de aprendizagem se refere à forma como o sujeito se aproxima do objeto de conhecimento, modalidades que vão se constituindo no sujeito desde seu nascimento de acordo com suas experiências de aprendizagem. Ver mais em Fernández (1991).

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

instâncias compõem dialeticamente o sujeito e sua subjetividade. Nesse sentido, González Rey (2003), destaca que a sacralização da Psicanálise trouxe dificuldades para o desenvolvimento de teorias que pensam a subjetividade de forma mais aberta e não relacionadas com estruturas psíquicas invariáveis. De acordo com o autor, justamente essa característica dificulta uma nova compreensão sobre como o sujeito se constitui psicologicamente, pois, a Psicanálise de Freud compreende a psique como um processo constitutivo do sujeito em termos de natureza humana e não como ser histórico, com expressões ontológicas, e trata individual e social como fenômenos diferentes.

Aqui, porém, propõe-se que as configurações subjetivas não são anteriores à experiência e nem mesmo determinadas por ela, mas “são a própria experiência como subjetividade vivida” (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 28). A concepção de subjetividade está diretamente ligada à de sujeito, que se constitui nesse constante processo sistemático aberto e em diálogo com o outro, com a sociedade e com a história. A personalidade, nesta perspectiva, “não é compreendida como uma organização intrapsíquica estável que, de maneira direta e unidirecional, define o comportamento da pessoa” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 78), mas, trata-se de estados dinâmicos que vão se constituindo ao longo da história do sujeito. Assim, compreender o sujeito professor é considerar suas emoções, afetos, questões cognitivas e sociais, localizados num tempo e num espaço, e não pensar isoladamente nos saberes necessários à prática educativa.

Em uma perspectiva dialética, a subjetividade abarca todos os processos humanos, desde os macrosociais até os individuais; compreende uma produção de sentidos que não pode dar-se separadamente do contexto e das complexas formas de organização social. O sujeito se dá social e individualmente, ou seja, “a subjetividade é da ordem do constituído, mas representa uma forma de constituição que, por sua vez, é permanentemente reconstituída pelas ações dos sujeitos dentro dos diversos cenários sociais em que atuam” (GONZÁLEZ REY, 2012a, p. 126).

Outro conceito importante para a compreensão desta perspectiva é o de sentidos subjetivos, pois, são a integração dos espaços individual e social da configuração subjetiva do sujeito. Os sentidos subjetivos são uma produção do sujeito acerca de suas experiências como tal; são produções psicológicas que integram cada experiência do sujeito no todo da configuração subjetiva, podendo tornar essas mesmas experiências mais positivas e prazerosas para alguns sujeitos e menos para outros. Nesse processo se entrelaçam vivências do real e a própria produção psicológica dos sujeitos, de diferentes tempos e zonas, num entrelaçamento complexo e constantemente (re)configurado.

Nesse sentido, em cada experiência vivida pelo sujeito são evocados sentidos subjetivos produzidos em outros momentos que se relacionam com a vivência atual. Por exemplo, em uma situação de ensino quando tem um conflito com algum aluno, podem ser evocados inconscientemente os sentidos subjetivos produzidos em outros momentos da experiência de docente, ou mesmo de aprendiz, desse sujeito,

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

trazendo à situação uma emocionalidade mais positiva ou mais negativa, de acordo com os sentidos evocados. Trazer tais questões à consciência a partir de reflexões, formações, leituras ou mesmo psicoterapia, podem auxiliar o sujeito professor a compreender emoções e sentimentos que por vezes são difíceis de lidar ou que não são compreendidos no fazer docente.

Algumas situações da docência evocam sentidos subjetivos que, aparentemente, não tem nenhuma relação com o ensinante. Contudo, é importante lembrar que o sujeito é um só. O docente se constitui como tal a partir do todo que é, não é possível “deixar o pessoal do lado de fora da sala de aula”, como se pretende muitas vezes. Por mais profissional que seja o docente, é preciso compreender que não é possível, nem aconselhável, segmentar o ser humano. É justamente por esta concepção que acredita-se, por exemplo, que os vínculos estabelecidos entre quem ensina e quem aprende são fundamentais para os processos de ensino e aprendizagem.

De acordo com Rocha (2016), a partir de uma pesquisa com adolescentes em situação de vulnerabilidade social, foi possível perceber que os aprendentes tem maior possibilidade de aprender daqueles com os quais conseguem estabelecer um vínculo mais significativo e daqueles docentes que, ao compreender os distintos processos de aprendizagem, conseguem perceber neles potencial para aprendizagem, conseguem estabelecer um diálogo mais profundo e respeitam sua humanidade. Nesses casos, a produção de sentidos subjetivos dos adolescentes apresenta uma emocionalidade mais positiva, eles mesmos conseguem acreditar no potencial de aprendizagem. Mas, o cenário é bem diferente quando se trata de docentes que não acreditam que esses sujeitos possam aprender. Deste modo, destaca-se que quando o docente pode compreender o aprender como um processo humano, quando consegue conectar-se subjetivamente com seus alunos e percebê-los também como sujeitos, permitindo que haja circulação entre os papéis de ensinar e aprender, os processos de aprendizagem podem se tornar mais significativos.

Ao considerar-se que a subjetividade é uma produção individual e social, compreender o contexto social no qual se constitui o docente é fundamental. Contudo, cabe ressaltar que considerar a subjetividade como uma construção também social não é cair no fatalismo, tampouco colocá-lo em uma posição de passividade. Pelo contrário, ao entender que a subjetividade é também uma produção individual, coloca-se o docente em uma posição de sujeito, de agente, da qual ele precisa fazer-se cargo. É neste ponto que dialogam individual e social, não como duas subjetividades diferentes, mas como dois espaços de uma mesma subjetividade, pois as experiências objetivas às quais o docente vive, as produções subjetivas da sociedade, fazem parte da sua produção individual e, assim como a produção de subjetividade social contribui para a produção individual do sujeito, sua produção individual também faz parte da social. Esses dois espaços se inter-relacionam de forma que um constitui o outro. Há, portanto, possibilidade de

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

transformação e protagonismo do sujeito, mas isso não se dará totalmente isolado de um contexto de produção de subjetividade mais amplo.

Deste modo, os coletivos de docentes, as condições objetivas de trabalho e de formação, as condições nas quais se dão as construções de saberes desses coletivos, os estudos realizados em grupos, suas crenças, fazem parte da constituição desse docente como tal, do sujeito que ele se constitui. Essas condições reais precisam ser observadas quando se trata da formação docente ou mesmo quando se trata das pesquisas que abordam a temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a formação docente na perspectiva da subjetividade é um exercício complexo e rigoroso, talvez um tanto distante da realidade que tem se instaurado as formações cada vez mais rápidas e menos profundas. A formação inicial de professores se torna cada vez mais genérica em detrimento das formações à nível de pós-graduação, especialmente as de *lato sensu*, e o professor sai cada vez menos preparado de formações que se propõem a tudo, mas, que conseguem abarcar muito pouco, com uma carga horária cada vez menor.

Seria possível então incluir na formação inicial, e também na continuada obviamente, uma perspectiva de formação mais humana, que busca pensar a formação subjetiva desses professores? Em alguma medida, certamente sim. É fundamental que, pelo menos, os professores possam refletir sobre suas trajetórias de aprendizagem, sobre as relações vinculares estabelecidas com os primeiros ensinantes na família e sobre seus primeiros anos na escola. É imprescindível que qualquer professor possa se deter para compreender como se dão os diferentes processos de aprendizagem e os fatores intervenientes nesses processos, compreendendo o aprender como um processo humano. É indispensável que um professor possa pensar sobre as configurações subjetivas que o constituem como sujeito para que, posteriormente, possa pensar nessas questões a respeito do seu aluno, e para que possa pensar sobre os sentimentos e emoções que o fazer docente desperta, que podem auxiliá-lo a ser um melhor professor ou paralisá-lo.

A instrumentalidade metodológica do professor, por exemplo, muitas vezes, não é suficiente para garantir a aprendizagem dos alunos (ROCHA & DI FRANCO, 2017), pois, nem todos aprendem da mesma forma, nem todos aprendem como o professor aprende e ele tende a ensinar de acordo como ele aprende. Assim, o docente precisa conhecer a si próprio como sujeito, para reconhecer o outro; é necessário (re)conhecer-se como aprendiz, saber das suas necessidades, identificar pontos fortes e fracos, para então poder realizar esses processos com os educandos.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

Deste modo, fica evidente que ainda é necessário trilhar um longo caminho em direção à formação docente na perspectiva da subjetividade. Trata-se, pois, de poder repensar o próprio fazer e as concepções daqueles que tem formado mestres e doutores que atuam na formação docente no país, pois são, de modo geral, esses sujeitos que tem atuado na formação inicial de nível superior e que realizam boa parte das pesquisas na área. Ademais, é necessário pensar a formação continuada dos professores que já atuam, refletindo acerca dos diferentes aspectos que constituem esse sujeito docente, compreendendo-o em suas expressões ontológicas, na sua constituição subjetiva individual e social, antropologicamente situados em um tempo e espaço, e na sua relação com o aprendente.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2014.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

_____. **Os Idiomas do Aprendente**: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GONZALEZ REY, F. **A configuração subjetiva dos processos psíquicos**: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In: MARTINEZ, Albertina M. SCOZ, Beatriz J. L. CASTANHO, Marisa I. S. (org) **Ensino e Aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília: Liber Livros, 2012.

_____. **O social na psicologia e a psicologia no social**: a emergencia do sujeito. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

_____. **As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo**: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 24, p. 155-179, 1º sem de 2007.

_____. **Personalidade, Saúde e Modo de Vida**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

_____. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

OLIVÉ, Carlos. A Transferência: um conceito fundamental. In: SLAVUTZKY, Abraão. **Transferências**. São Paulo: Escuta, 1991, p. 79-94.

PAÍN, Sara. **Subjetividade e Objetividade**: relação entre desejo e conhecimento. São Paulo: CEVEC, 1996.

QUIROGA, Ana. **Matrices de Aprendizaje**: constitución del sujeto em el proceso de conocimiento. Argentina: Editorial CINCO, 1996.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação

"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

ROCHA, Juliana S. O aprender como produção humana: os sentidos subjetivos produzidos por adolescentes em situação de vulnerabilidade social acerca da aprendizagem. 2016. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ROCHA, Juliana; DI FRANCO, Alice. A aprendizagem em contextos de vulnerabilidade social. In. ROZEK, M.; DOMINGUES, C. **As dificuldades de aprendizagem e o processo de escolarização**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 165-193.